

MODERNISMO E AMBIVALÊNCIA NA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DE BELO HORIZONTE

A cidade moderna, *locus* dos principais processos sociais que caracterizam a época moderna, já foi estudada sob muitos ângulos e, ainda que o das representações literárias não esteja entre os mais explorados (Morse, 1975: 783, Carvalho, 1994: 24), há significativas investigações como as de Williams (1989), Pike (1981), Fanger (1967), Bresciani, (1984, 1984-85, 1993 e 1994), Morse (1975) e Schorske (1989). Afinando mais o objeto, passando das representações literárias para as representações modernistas, a literatura torna-se mais escassa.

O objetivo deste artigo é procurar estabelecer uma conexão entre dois temas explorados tanto pela sociologia quanto pelo pensamento social brasileiro: a cidade enquanto *locus* das interações modernas e a relação entre o pensamento modernista e o meio urbano.

O modernismo é caracterizado na literatura especializada como um movimento que rompe com a tradição em busca de uma arte nova, e as capitais, mais que as cidades industriais, ofereceram o ambiente propício ao desenvolvimento dessa cultura do novo, até porque elas também se constituíram como lugares das novas experiências urbanísticas, sociais, econômicas e culturais.

LUCIANA TEIXEIRA DE ANDRADE

RESUMO

Este artigo tem como objetivo estabelecer uma conexão entre dois temas explorados tanto pela sociologia quanto pelo pensamento social brasileiro: a cidade como *locus* das interações modernas e a relação entre o pensamento modernista e o meio urbano. O assunto é tratado através do exame das obras de Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava e Cyro dos Anjos, considerando-se que, sob a ótica dos escritores modernistas, a cidade é o cenário de experiências representadas pela literatura.

* Professora do Dep. de Sociologia e do Mestrado em Ciências Sociais: Gestão das Cidades da PUC/Minas Gerais.

Dessa cultura do urbano e do novo advém o caráter cosmopolita e internacionalista do modernismo. Suas primeiras manifestações ocorreram nas principais capitais européias, mas logo se expandiram para outros centros, ainda que periféricos. Belo Horizonte, uma cidade recém-construída, é um exemplo dessa rápida difusão do espírito modernista.

Dadas essas constatações, parece haver,

portanto, uma relação convergente entre a cidade moderna e o modernismo, uma vez que ambos compartilham dos valores da modernidade. No entanto, essa relação não foi tão harmônica quanto pode parecer à primeira vista, até porque as cidades nem sempre corresponderam aos anseios dos modernistas, não só pelos aspectos tradicionais que ainda mantinham, mas também pela sua modernidade, que não foi representada na literatura sem ambivalências.

OS ESCRITORES E A CIDADE

O modernismo, como a sociologia, nasce nas cidades e elege as experiências urbanas (ou as interações sociais) como tema (ou objeto) privilegiado. E, diferente da tendência da literatura realista, prioriza as experiências urbanas

em detrimento das descrições detalhadas da cidade. A cidade não é o tema, mas o cenário de experiências representadas pela literatura modernista. Essa tendência já pode ser detectada em Baudelaire e Dostoiévski, escritores realistas mas também os primeiros precursores da sensibilidade modernista, principalmente no que se refere às experiências do homem com o meio urbano.

No modernismo belo-horizontino, a cidade, ou, mais especificamente, as experiências com a cidade serão muito exploradas, até porque três dos principais representantes desse movimento escreveram autobiografias e/ou obras com caráter autobiográfico. São eles: Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Pedro Nava (1903-1984) e Cyro dos Anjos (1906-1994).

O modernismo em Belo Horizonte nasce e desenvolve-se na livraria Francisco Alves, no Café Estrela e na redação do Diário de Minas. Na primeira, os escritores puderam ter acesso às obras modernistas nacionais e, em menor escala, internacionais. No café Estrela, compartilhavam suas leituras e experiências e, no Diário de Minas, divulgavam suas idéias e produções.²

Além desses três escritores cujas obras são objeto deste artigo, o grupo modernista mineiro era formado por Abgar Renault, Alberto Campos, Austen Amaro, Emílio Moura, João Alphonsus, Mário Casasanta e Martins de Almeida. Com exceção de Austen Alvaro, todos vieram do interior do Estado à procura dos cursos universitários, dos empregos públicos e daquilo que só os centros urbanos podiam ofertar: vida social, cultural e intelectual mais intensa e menos controlada. Os cinemas, teatros, *footing*, cafés, livrarias e cabarés foram fundamentais na formação desses jovens recém-urbanizados, como mostram os depoimentos abaixo: “*O que eu cobijava (...) não era propriamente o diploma de bacharel, mas a Capital, o footing da Praça, a segunda sessão do Odeon, o cabaré da Olímpia, os cafés da Avenida*” (Anjos, 1979b: 224). “*Fui praticar em Belo Horizonte, pela primeira vez, as delícias da liberdade*” (Andrade, 1986: 43).

Os marcos cruciais do modernismo em Belo Horizonte foram o encontro com os modernistas paulistas e o lançamento do seu periódico modernista. O primeiro ocorreu em 1924 quando as duas principais figuras do modernismo paulista, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, visitaram as cidades históricas mineiras com passagem por Belo Horizonte, onde se encontraram com Carlos Drummond, Pedro Nava, Emilio Moura e Martins de Almeida.³ Em 1926, ainda sob a influência do encontro com os paulistas, o grupo mineiro adere a uma característica comum aos movimentos modernistas dessa época, o lançamento de um periódico. Este chamou-se *A Revista* e teve apenas três números, mas o suficiente para selar a identidade do grupo que, ao se expor, passou a ser reconhecido local e nacionalmente como modernista.⁴

Em 1920, Belo Horizonte tinha apenas 23 anos e 55.563 habitantes, mas, sendo uma cidade planejada, já nasce capital, moderna, urbanizada e higienizada. E no plano urbanístico que sua modernidade mais se afirma. Seu projeto, de autoria do engenheiro Aarão Reis, da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, inspirava-se nos modelos urbanísticos europeus, principalmente na experiência de Haussmann em Paris (Guimarães: 1996). E, localmente, opunha-se às cidades coloniais, tidas como cidades feitas ao acaso, como era considerada a antiga capital Ouro Preto. Segundo Salgueiro: “*A construção de Belo Horizonte significa (...) a ruptura definitiva com a tradição colonial: a adoção de novos estilemas, propostos pela era industrial, inscreve-se na recusa ao passado e na aspiração à modernidade*” (Salgueiro, 1987:107).

A construção de Belo Horizonte, realizada entre os anos de 1894 e 1897, implicou a completa destruição do antigo arraial de Curral del Rei - esse outro aspecto da concepção moderna de varrer o passado e a tradição para a instalação do novo e do moderno. Nos seus primeiros anos a tradição resistia através dos modos de vida de seus moradores, formados por funcionários públicos da antiga capital, Ouro Preto (e que sem-

pre se opuseram à mudança da capital), e interioranos que buscavam na nova capital empregos, estudos e outras oportunidades. Uma cidade moderna para um público sem experiência de vida urbana. O cenário estava pronto, faltavam os atores: homens modernos e cosmopolitas. Várias tentativas foram feitas com o intuito de civilizar e urbanizar o comportamento provinciano e, nesse esforço, os cronistas uniram-se aos administradores. Os primeiros procuravam difundir nos jornais locais um comportamento cosmopolita que eles traduziam em atividades nas ruas como o *footing*, a freqüência a restaurantes, confeitarias e cafês, tudo isso em oposição aos *"passeios sem rumo certo"* e às reuniões familiares. Um cronista, ao falar de um restaurante, incentivava a mudança dos hábitos alimentares caseiros locais: *"O 'cook' - ouve-me, Belo Horizonte - conhece afundo a arte de preparar um filé 'àux petits pois', como de certo, tu acostumado ao tutu com torresmo não imaginas"* (Cf Barreto, 1936: 621). Já os administradores públicos procuravam impedir, através das posturas municipais, práticas consideradas como pouco adequadas ao meio urbano, como o comércio ambulante, a criação e comércio de animais domésticos, além de tentar normatizar o comportamento nos bondes, nos parques públicos e as práticas da prostituição e da mendicância.

Em termos de vida cultural, densidade populacional e diversidade de tipos sociais três índices da urbanidade e modernidade -, Belo Horizonte mantinha uma considerável distância em relação ao Rio de Janeiro e a São Paulo, cidades mais modernas; o mesmo pode-se observar em relação ao interior mineiro, lugar de origem dos escritores modernistas; nesse caso, Belo Horizonte era, com certeza, bem mais moderna.

Em 1920 a Capital Federal possuía 1.157.873 habitantes e São Paulo 597.033, números bastante superiores aos da nascente capital de Minas. Essas cidades contavam também com uma maior diversidade de tipos sociais, decorrente da maior densidade populacional mas, principalmente, da maior migração de estrangeiros. Em 1920 estes

correspondiam a 36% da população em São Paulo (Fausto, 1984:10), 20,7% no Rio de Janeiro e apenas 8,7% em Belo Horizonte.

Em relação às cidades de origem dos três escritores modernistas, a capital mineira apresenta o menor índice da PEA empregada no setor primário (13,02) e também o menor índice de analfabetismo (39,39). Nas outras, a PEA do setor primário é superior a 50% e o índice de analfabetismo superior a 60%. Quanto aos aspectos culturais, o número de cinemas é um outro indicador da modernidade de Belo Horizonte em relação ao interior. O Censo de 1920 registra sete cinemas em Belo Horizonte, dois em Juiz de Fora, terra de Pedro Nava, um em Ouro Preto, antiga Capital, um na Itabira de Drummond e nenhum na Montes Claros de Cyro dos Anjos (Andrade, 1996).

OS MODERNISTAS E SUAS OBRAS

Entre os escritores modernistas, Carlos Drummond, Pedro Nava e Cyro dos Anjos foram os que mais exploraram a vida social da cidade. Isto se explica, em grande parte, pela opção que fizeram, em algumas obras, pela autobiografia. Cyro dos Anjos publicou, em 1979, suas memórias completas divididas entre a infância e a adolescência em Montes Claros e a mocidade em Belo Horizonte. Nava publicou seis livros de memórias no final de sua vida. Drummond não escreveu autobiografia no sentido estrito do termo, mas sobre os poemas de *Boitempo* declarou:

"Não pretendo escrever outras memórias além da tentativa de fazê-las em verso na série de três volumes de 'Boitempo'. Não saberia escrevê-las de modo mais objetivo, em prosa, porque não possuo memória objetiva dos fatos e disponho da lembrança emocional deles (...). Além disso, já me considero suficiente e regiadamente lembrado como personagem, nas incomparáveis memórias do meu amigo Pedro Nava (Andrade, 1984).

No entanto, seus relatos autobiográficos não se restringem a *Boitempo*. Várias de suas crônicas e poemas são nitidamente autobiográficos como já analisou Cândido (1984). Entre os três, Cyro foi o único que escreveu romances, três ao todo, sendo que dois deles têm como cenário a cidade de Belo Horizonte: *O Amanuense Belmiro* e *Abdias* e, como nos poemas e crônicas de Drummond, os romances de Cyro trazem fortes marcas autobiográficas. Nesta análise nos deteremos nas obras que tratam da cidade nas décadas de 20 e 30.

Quanto à experiência biográfica desses escritores, alguns dados são compartilhados pelos três: nasceram em cidades do interior do estado, provinham de famílias de classe média, chegaram a Belo Horizonte no início dos anos 20, quando tinham entre 17 e 18 anos e, com exceção de Nava, que já vivera no Rio de Janeiro, não possuíam experiência significativa de vida urbana.⁵

Dentre o conjunto de representações modernistas, optou-se aqui por privilegiar o eixo tradicional *versus* moderno, uma constante nas discussões sobre a identidade de Belo Horizonte e entre as próprias representações da cidade construídas por esses escritores.

Essa tensão entre o tradicional e o moderno deve-se à própria ambigüidade da cidade e à origem provinciana desses escritores, somada às suas filiações ao modernismo. Trata-se, portanto, de fenômenos intimamente ligados a essa difícil e nem sempre bem realizada transição entre o tradicional e o moderno.⁶

A questão que conduz a reflexão deste artigo deve-se ao relacionamento das três variáveis que vínhamos analisando: ausência de experiência urbana por parte dos escritores, a cidade de Belo Horizonte e o modernismo. Levando-se em consideração a filiação desses escritores ao modernismo e o fato de terem vindo de um meio pobre em experiências urbanas, o mais esperado seria uma percepção positiva de Belo Horizonte e do modo de vida urbano. No entanto, o que encontramos em suas obras são percepções muito ambivalentes, seja em relação

a Belo Horizonte, seja em relação ao próprio modo de vida urbano.⁷

REPRESENTAÇÕES DE BELO HORIZONTE

Entre as representações mais recorrentes está a de Belo Horizonte como um ambiente provinciano, o que eles relacionavam ao baixo número de habitantes, à vida social restrita, à pouca diversidade do meio, à condição de periferia e ao tradicionalismo e conservadorismo de sua população. O fato de ser uma cidade planejada e com ruas largas acentuava ainda mais a baixa densidade populacional. A rua da Faculdade de Medicina, no centro da cidade era para Nava “*vasta, larga, com raros passantes*” (1976: 330) Cyro fala de “*avenidas ermos*” (1979b:236) e “*ruas desatravancadas*” (1979b: 238). Quanto a composição da população, Cyro descreveu-a como “*metrópole de funcionários e estudantes*” (Anjos, 1979b: 252) e Drummond como a “*cidade inteira funcionária*” (Andrade, 1988: 720). Cyro e Drummond tratam também da condição periférica da cidade e até mesmo do Estado de Minas. “*(...) e quem pensaria em acompanhar, de Belo Horizonte, o que se passava em Paris? O Rio já ficava tão longe... Vivíamos numa ilha, uma ilha perdida. Dificilmente conceberão os jovens de hoje o isolamento de Minas, naquele tempo, em relação ao resto do Brasil, e do Brasil, em relação ao resto do mundo*” (Anjos, 1988: 269). Drummond trata da condição de periferia nas crônicas sobre a moda: quando uma moda chegava a Belo Horizonte já estava ultrapassada no Rio: “*Agora que o golfinho tomou conta de Belo Horizonte, ninguém joga mais golfinho no Rio*” (1931: 102). Em outra passagem ele registra o isolamento de Minas: “*Éramos considerados lá fora (lá fora era o país inteiro, diante do nosso país de Minas, montanhosamente solitário, com uma única via de comunicação a ligar-nos a ele: o trem sempre atrasado da Central)*” (1986: 105).

Outra representação recorrente é a de Belo Horizonte como uma cidade conservadora e

elitista, o que eles relacionavam à Tradicional Família Mineira, principalmente devido ao tratamento que destinava às suas filhas, mantendo-as na mais estrita vigilância. Para esses jovens, que não integravam esse grupo, a exclusão era ainda maior. Segundo Nava, eram *“as donzelas enclausuradas”* (1986: 145), *“as intangíveis”* (1987a: 9), *“beldades que desciam Babia ou entravam por Afonso Pena acompanhadas de mães, tias, irmãos, pais - como torres - tornando-as sempre distantes e inabordáveis”* (1985: 103). Para Drummond, eram as *“deusas inacessíveis”* (1988: 729-732), enclausuradas em *“domésticos presídios”* (1988: 718-20). Nas representações de Cyro, a exclusão era reforçada pela condição de forasteiro: *“Perdera Santana (...) e não conquistara aquela cidade hermética, esquiva. Boa vida levaria o felizardo ali nascido, que vivia no conchego da família, sem aberturas. E, por não ser um desconhecido como eu, tinha acesso mais fácil às pequenas que iam à segunda do Odeon ou ao footing da Praça. E, regalia suprema, podia freqüentar o Clube Belo Horizonte”* (1979b: 250). No popular Parque Municipal e na vida noturna dos cabarés compensavam a hostilidade das moças dos estratos mais altos: *“Removase no Lago das Garças, bebia-se chope nos quiosques, e, com pequenas do subúrbio, o estudante se ressarcia do carinho que lhe negavam as emproadas moças dos palacetes”* (1979b: 237). Cyro distingue a cidade diurna, mais tradicional, da noturna, onde a boemia praticada nos cabarés era outra forma de compensação: *“(.) descendo as sombras; a Capital apagava os agravos reais ou imaginários que recebêssemos na faina diurna”* (1979b: 260). Segundo Nava, era na *“noite deserta e despolicuada”* que se podia desfrutar de alguma liberdade: *“Talvez aquela fosse a hora mais curiosa daqueles quarteirões. A cidade proviciana, rigorista, comprimida e complexada se relaxava de repente e recebia as mensagens mais corruptas das capitais do mundo gastas por todas as sensações. As embaixadoras de velbas civilizações exaustas afinavam os homens novos e provectoros das Gerais”* (1981: 384).

Esse aspecto da vida da cidade ganha ainda uma dimensão pessoal, uma vez que a exclusão que experimentaram em Belo Horizonte não fora vivenciada nas suas cidades de origem. Cyro narra a sua exclusão de vários círculos sociais: de seus contemporâneos que já residiam em Belo Horizonte, dos que conheciam Anatole France e Nietzsche, quando ele só conhecia Machado e Eça, do círculo dos acadêmicos, quando ele era ainda um preparatoriano e dos clubes sociais da cidade. Essa situação ele contrastava com a da sua cidade natal, onde usufruía de maior prestígio social: *“Em Santana, eu era filho do Presidente da Câmara, vivia encarapitado num fordeco de bigodes. Na Capital, não passava de anônimo auxiliar extra, intimidado pela verruga de um subinspetorzinbo de reclamações”* (1979b: 230). Nava expressa suas dificuldades de se incorporar à sociedade belo-horizontina, ora como uma característica das cidades mineiras em relação aos estranhos, ora como forma de discriminação social. A primeira passagem inicia-se com uma reflexão sobre a possibilidade de voltar ao interior e a segunda refere-se à sua experiência em um colégio de elite na capital:

“Citadinos transportados para a roça, seríamos sempre olhados de lado como todo estranho que chega em cidade mineira, mesmo que mineiro seja. Já nos acontecera assim em Belo Horizonte e só anos decorridos é que o Bar do Ponto, a rua da Babia, a Boa Viagem, a Santa Casa, o Clube Belo Horizonte e o Cinema Odeon tinham permitido nossa incorporação” (1985:14).

“Eu ia interno e lá conviveria com outros sudros das casas B de Belo Horizonte. E - não sem curtir humilhações e tomar lanhos fundos no meu orgulho - com os vaicias das C, os sástrias das D e com os inacessíveis brâmanes das F” (1986: 150-1).

Belo Horizonte foi representada também como uma cidade estratificada e hierarquizada. Nava chegou a compará-la, como aparece aci-

ma, com o sistema de castas: “(...)as castas da Cidade de Minas tinham sido demarcadas duramente! pelo número de janelas das fachadas das casas dos funcionários. Dos intocáveis dos pardieiros A, aos desembargadores dos palacetes F de inumeráveis janelas. Sem mistura, cada um no seu lugar (.). E tendo a quota de ar e sol que lhe cabia por uma janela, duas janelas, três, quatro, cinco janelas” (1986: 150-1). Cyro e Nava identificaram também a estratificação no *footing* da Praça da Liberdade, “na alameda à direita (.), caminhavam rapazes e moças de família; na esquerda, (...) criadas e soldados de polícia. Uma rua central, (...) separava sociedade e plebe (...)” (Anjos, 1979b: 238). Segundo Nava, “(...) perto da pista central, com seu renque de palmeiras imperiais sob as quais passeavam as moças elegantes no *footing* de domingo. (...) Do outro lado renque de palmeiras se repetindo e a aléia dos pobres, do povinho onde passeavam as morenas e deleitáveis domésticas de Belo Horizonte” (1985: 29).

Ainda que muito críticos da Belo Horizonte não demonstrem vontade ou interesse de voltar ao interior, como efetivamente não o fizeram a não ser por breves períodos: “Não queria por forma nenhuma voltar ao balcão da loja ou ao laboratório da farmácia. Tomara pavor à *pasmaceira de Santana*” (Anjos, 1979b: 208). Nava é ainda mais contundente em relação à sua Araçuaí:

“(...) tive uma espécie de visão do que seria nossa vida na aspereza daquele cu do mundo (...). Jamais sairíamos dali, venerando o Senhor Bispo Dom Serafim, cumprimentando baixo os Fulgêncio, os Jardim, os Murta, os Paulino, os Gusmão; interessados nada mais do que no caracu, no indiano, no junqueira, sonhando com vagas abastanças na labuta da água-marinha ou dos cristais. Depois duma vida de viola e cachaça para mim e meus irmãos, de beatério e costura para minhas irmãs - nossos ossos acabariam num canto qualquer da Itinga, do Pontal, do Comercinbo ou do Bom Jesus do Lufa” (1985:14).

O que Nava desejava era a Capital Federal: “Eu aspirava à aventura da capital (...)” (1985: 353).

Se os três concentram-se nos aspectos da vida social da cidade, Drummond e Cyro irão abordar também os aspectos urbanísticos e arquitetônicos, ainda que com sinais contrários. Para Drummond, sempre negativos e, para Cyro, positivos. Segundo este, Belo Horizonte, apesar de provinciana, era uma cidade moderna com suas luzes, casas desconhecidas, edifícios suntuosos, ruas que não tinham fim, grandes jardins públicos, bondes, cinemas e vitrines e, ainda que pouco povoada, quando comparada à sua cidade natal era consideravelmente mais agitada: “Largas e vazias eram as ruas da Belo Horizonte de 1923, mas tudo me parecia trepidação, formigamento, em contraste com o paradeiro que Santana me deixara na retina” (1979b: 199).

E, diferente de Drummond, Cyro distingue a modernidade e ousadia do seu plano urbanístico do seu provincianismo e conservadorismo, estes relacionados à origem interiorana de seus habitantes:

“Do alto da colina, contemplei Belo Horizonte, que apenas despertava. As cores, já vivas, do céu e a luminosa beleza da cidade feriram-me os olhos. Os edifícios suntuosos, os grandes jardins públicos, as retas avenidas situam Belo Horizonte fora dos quadros habituais de Minas. Dentro das casas mora, porém, o mesmo e venerável espírito de Sabarabuçu, Tejuco, Ouro Preto e de tantas outras vetustas cidades” (1979a: 88).

Para Drummond, Belo Horizonte reproduzia o pior que a racionalidade moderna no plano urbanístico poderia nos legar: uma cidade homogênea, sem passado e identidade, e que, por sua vez, influenciava as relações sociais, tornando-as mais impessoais, frias e indiferentes.

Como consequência do planejamento, Belo Horizonte foi representada por Drummond como racional e homogênea, “perfeitamente arborizada, aerada, iluminada, policiada (...)”

(1988: 1365). Até a natureza teve que se adaptar ao traço geométrico das ruas: “As árvores tão repetidas” (1988: 9). O jardim da Praça da Liberdade era como o de Versailles, e as suas rosas geométricas (1988: 20-21). Sua população também era homogênea, cidade “dos tristes funcionários seriados” (1988: 728).

Belo Horizonte era “incharacterística e fá-cil” e pouco atrativa: “A menos interessante das cidades mineiras; menos interessante do que qualquer estaçõzinha de estrada de ferro, perdida no mato onde o trem não pára” (1988). A principal avenida não apresentava nenhuma particularidade nem mistério:

“Era uma rua como as outras, com os mesmos sobradinhos e as mesmas casinhas, térreas das outras, apenas com um espaço maior entre uma e outra fileira de casinhas e sobradinhos. E mesmo essa particularidade não é sua, é de todas as avenidas de Belo Horizonte. E aí temos uma Gioconda sem mistério, ou sem sorriso, o que é a mesma coisa” (1988: 52-3).

A reação mais forte de estranhamento em relação a Belo Horizonte aparece no poema “Ruas”:

“Por que ruas tão largas? / Por que ruas tão retas? / Meu passo torto / foi regulado pelos becos tortos / de onde venho. / Não sei andar na vastidão simétrica / implacável / Cidade grande é isso? Cidades são passagens sinuosas / de esconde-esconde / em que as casas aparecem-desaparecem / quando bem entendem / e todo mundo acha normal / Aqui tudo é exposto / evidente / cintilante. Aqui / obrigam-me a nascer de novo, desarmado” (1988: 651).

À ordem geométrica ele associava a ordem social. “Canção sem Metro” fala dos carros “que tocavam para Venda Nova, Lagoa Santa, Barreiro, conduzindo o amor sem pouso na geometria policial da cidade” (1962b: 148-50), e “Aula de Francês” diz que “O professor regressa ao rígido/sistema métrico decimal das ruas de Belo Horizonte” (1988:647).

A sua casa da rua Silva Jardim em Belo Horizonte, “suposta habitação de um eu moderno”, é contraposta à “eterna” casa itabirana. A de Belo Horizonte “é uma casa, entre outras (...)”, feita para “numerais moradores”, é sem história: “Aqui ninguém bate palmas. Toca-se campainha. / As mãos batiam palmas diferentes. (...) A campainha emite um timbre sem história. (...) Aqui ninguém morreu, é amplamente / O vazio biográfico (...)”. A casa urbana, ainda que mais confortável (“Tem todo o conforto, sim”), não é acolhedora (1988: 685-6).

Nessas críticas, a referência não era o Rio de Janeiro ou Paris, mas as cidades pequenas, principalmente as do interior mineiro e sobre as quais também muito escreveu. Se racional e intelectualmente ele é cosmopolita, afetivamente é provinciano. Drummond oscila portanto entre a provinciana Itabira e os centros urbanos cosmopolitas, e Belo Horizonte foi criticada ora tendo como referência a província, ora o centro. No primeiro caso Belo Horizonte é representada como artificial e desumana e, no segundo, como provinciana e periférica.

A BELO HORIZONTE DA MEMÓRIA VERSUS A ATUAL

Quando a Belo Horizonte dos anos 20 e 30 é comparada com a atual, a primeira é sempre melhor e até mesmo alguns de seus aspectos, antes duramente criticados, aparecem agora reinterpretados. Em Nava, o provincianismo, antes identificado como fator de exclusão e de limite à vida da sua geração, adquire caráter positivo e ele se mostra saudoso até das relações extremamente contidas entre homens e mulheres:

“Tão diferente hoje, tão desumanizada, tão violentamente progressista - tão outra na sua população que não sei se ainda possa dar a essa zona de Belo Horizonte seu antigo e doce nome de Bairro dos Funcionários. Nome quieto, cheio de pachorra burocrática (...). Nome de coisas íntimas, de horas lerdas (...) namorados apinhados nos bondes para surpreenderem um instante

só, segundo que fosse, do vulto das amadas (...). Tudo tão Mariana, tão Ribeirão do Carmo, tão Ouro Preto..." (1981: 333).

Em Cyro, a vida parada e tediosa da cidade revela-se-lhe agora como um mundo em ebulição:

"Rapazinho chegado do interior; eu tinha os olhos voltados para as moças e para os divertimentos, não para as instituições. Aquele mundo em franca ebulição parecia-me estável imune a transformações, firmemente embutido na rocha das minas. Só mais tarde pude ver que, (...) aos poucos se esfacelava, ou, mais exato, se diluía nos tempos novos, já comandantes do século. Embicava, enfim, para uma era de gordas novidades, que de nenhum modo se prefigurara aos meus olhos. Novidades boas, algumas; outras más, talvez. Todas afinal ótimas, porque inevitáveis. De qualquer modo, o que hoje me flutua, nostálgico, no remóido e repensado, é aquele passo vagaroso dos cavalheiros de fraque pelas ruas ensombradas de magnólias em flor" (1979b: 236).

Em Drummond, o provincianismo e a condição de periferia reaparecem como características positivas da cidade:

"Não, Mário, Belo Horizonte não era uma tolice como as outras. / Era uma provinciana saudável, de carnes leves pesseguíneas. / Era um remanso muito manso / para fugir às partes agitadas do Brasil / sorrindo do Rio de Janeiro e de São Paulo: tão prafrentex, as duas! / e nós lá: macio-amesendados / na calma e na verde brisa irônica..." (1988: 787-789).

O tédio não mais aparece como uma característica da vida da cidade, mas como uma característica interior:

"(...) costuma haver desencontro entre nossa juventude e nossa cidade. Culpamos as ruas pelo que nos acontece interiormente. Clamei contra ti, Belo Horizonte, em instantes de fúria triste. Destruí tuas placas, queimei tuas casas, teus bondes; ao despertar dessa angústia, vi que o amor escolhe caminhos difíceis para chegar a seu destino. Davas-me lições de paz, que eu interpretava como picadas de tédio" (1962b: 148-50).

Se antes Belo Horizonte era homogênea e incaracterística, depois ela passou a ser única: *"Única no mundo para quem teve 18 anos em tuas ruas, e com tuas noites abriu uma gravura na alma"* (1962b: 148-50).

AS AMBIVALÊNCIAS DO MODERNO

O modernismo no Brasil é contemporâneo do início da urbanização e modernização das cidades e o caso de Belo Horizonte nos mostra, por um lado, que para os modernistas a ruptura com a tradição e a defesa dos valores da modernidade não foi uma empreitada desprovida de ambivalências, e por outro lado, mostramos ainda, que a vida urbana e os projetos de modernização das cidades, baseados na racionalidade e funcionalidade dos espaços, também não foram representados de forma homogênea e sem conflitos. Isso contradiz uma imagem mais monolítica do modernismo, como um movimento afinado com a modernidade e a racionalidade.⁸

A explicação que nos parece mais plausível para essas ambivalências deve-se ao fato de que a transição de uma sociedade de base mais tradicional para outra mais moderna somada à própria experiência com a modernidade e a vida nos centros urbanos, geraram avaliações ambivalentes e contraditórias, mesmo entre aqueles tidos como modernos ou modernistas.⁹

No caso específico desses escritores, o que se observa é uma convivência tensa entre os valores de um mundo que ficou para trás e que na perspectiva de quem sai era mais estável, e a convivência em um ambiente novo e mais incerto em suas relações sociais.

Uma das ambivalências dos modernistas belo-horizontinos manifesta-se na crítica à elite e no sentimento de exclusão desse mesmo grupo. A elite da cidade foi duramente criticada por fazer de Belo Horizonte uma cidade tradicional, conservadora e provinciana, mas também por excluí-los de seus círculos de convivência.

A cidade pouco diversificada, formada basicamente por estudantes e funcionários públicos, como a conhecemos pelas obras desses escritores, reflete muito mais a vida restrita que levavam do que a própria composição da cidade (Andrade, 1996).

Outra ambivalência aparece quando eles avaliam as mudanças ocorridas em Belo Horizonte. O que eles tanto criticaram quando nela viviam passou depois por um processo de reinterpretação; é como se as cidades antigas fossem sempre melhores que as novas.

O anonimato metropolitano, assim como a maior racionalidade e impessoalidade dos espaços e das relações sociais, típicas dos ambientes metropolitanos (Simmel, 1987), foram experimentados de maneira ambivalente pelos modernistas mineiros. Se por um lado eles desejavam ambientes mais cosmopolitas, por outro lado ressentiam-se da falta de reconhecimento pessoal.

O anonimato e o cosmopolitismo só podem ser experimentados como liberdade positiva (e não como exclusão) quando os valores tradicionais e familiares deixam de ser predominantes na definição da identidade do indivíduo. Quando ainda se prezam tais valores, quando se deseja e se sonha com as mulheres inacessíveis da elite e se quer freqüentar o clube mais fechado e tradicional da cidade, o anonimato só pode ser percebido e experimentado como exclusão.

Os modernistas belo-horizontinos não manifestaram um compromisso impreterível com o novo, nem eram entusiastas da modernidade, ao contrário, olharam-na com certa desconfiança, às vezes orientados por valores retrógrados e tradicionalistas, quando lamentam a perda de certos privilégios e das formas de reconhecimento tradicionais, outras vezes expressando os dilemas próprios da vida moderna, que, na concepção weberiana, implicaram a simultânea conquista e perda da liberdade e individualidade.

NOTAS

- ⁰ PEA – População economicamente ativa.
- ¹ Trabalho apresentado no V Congresso Internacional da Brazilian Studies Association - BRASA em Recife/Pernambuco, junho de 2000 no GT Cidades e Sociedades no Brasil III.
- ² Essas três instituições do modernismo mineiro localizavam-se em dois quarteirões da rua da Bahia, a mais urbanizada da cidade. Segundo Paulo Mendes Campos, "(...) a *Rua da Bahia, com seus dois quarteirões comerciais, era a rua. Sem a vastidão da Avenida, onde a alma provinciana ainda não se acomodava, contentando-se em admirá-la, a rua da Bahia era naquele trecho o lado feérico dos habitantes, a fantasia, a inquietação*" (Campos, 1967: 60).
- ³ Essa viagem, conhecida como Caravana Paulista, contou também com a presença de Oswald de Andrade Filho, Dona Olívia Guedes Penteadó, Tarsila do Amaral, Godofredo Teles e o poeta suíço, Blaise Cendrars. A Semana de Arte Moderna de 1922, tida hoje como o primeiro e mais significativo marco do modernismo brasileiro, não teve, na época, grande influência em Minas. Segundo os depoimentos de Carlos Drummond de Andrade (1962a: 281) e Abgar Renault (1983), os mineiros liam apenas os jornais do Rio de Janeiro, e, por isso, não tomaram conhecimento da Semana. Nessa época a cidade de São Paulo exercia pouca influência social e cultural sobre os mineiros, ao contrário da Capital Federal, Rio de Janeiro. No plano imaginário, como modelo de uma cidade moderna, a que mais sobressaía era Paris.
- ⁴ Cyro dos Anjos não participou da criação de *A Revista* mas aderiu, posteriormente, ao movimento e ao grupo.
- ⁵ Esta exceção de Nava deve ser cotejada com o fato de que, devido às limitações da idade e à condição de estudante interno, não tivera ainda condições de experimentar, com muita intensidade, a vida urbana. Nas suas memórias considera primordial na sua vida o tempo que viveu em Belo Horizonte: "*Ali vivi de meus dezessete aos meus vinte e quatro anos. Vinte anos nos anos Vinte. Sete anos que valeram pelos que tinha vivido antes e que viveria depois*" (1985:12).
- ⁶ A opção por esta explicação de caráter mais geral e não por outra mais regional deve-se a uma

tentativa de evitar explicações que “naturalizem” questões sociológicas mais complexas, explicando, por exemplo, a ambivalência como expressão de um caráter mineiro e também porque a literatura que discute as relações do modernismo com a cidade moderna detecta muitas relações ambivalentes (Pike, 1981). Os mineiros, portanto, não seriam um caso à parte, mas a expressão de uma tensão mais geral, típica das experiências de transições de um mundo para outro, ou no dizer de Schutz (s.d.), de uma pausa cultural a outra.

⁷ Dados os limites deste artigo, enfatizarei mais as representações compartilhadas que as diferenças.

⁸ Esta imagem vem sendo difundida por alguns autores ligados à discussão da pos-modernidade e, como mostra Huyssen, trata-se de unia simplificação: “Evidentemente, o modernismo nunca foi um fenômeno monolítico: continha tanto a euforia da modernização, com o futurismo, o construtivismo e a *Neue Sachlichkeit*, quanto algumas das mais duras críticas à modernização, nas várias formas modernas do ‘anticapitalismo romântico’ (...). Foi uma imagem específica do modernismo que se converteu no pomo da discórdia para os pós-modernos (...)” (1991: 27).

⁹ Pike, em seu estudo sobre as imagens da cidade na literatura moderna, destaca como uma característica constante das representações a ambivalência, exemplarmente traduzida nas expressões “multitude, solitude” de Baudelaire e “paved solitude” de Hawthorne: “‘Paved’ implies all the purposefulness of modern city life: business, activity, communication. ‘Solitude’ is the denial of all this” (Pike, 1981: 24). As representações ambivalentes da cidade devem-se, segundo Pike, ao fato de que a cidade encarna as forças mais díspares e conflituosas: “The idea of the city seems to trigger conflicting impulses, positive and negative, conscious and unconscious” (Pike, 1981: 8).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. (1931), “Golfinho e Outros Substantivos”. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, 1984, vol. 35, p. 102.

ANDRADE, Carlos Drummond de. (1962a), “Imagens de 22: A Semana e os Mineiros”.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro, in: M. A. W da Silva (1984), *A Revista: Contribuição para o Estudo do Modernismo em Minas Gerais*. São Paulo, FFLCH/USP. (Dissertação, Mestrado em Letras)

ANDRADE, Carlos Drummond de. (1962b), “Canção Sem Metro”, in: *A Bolsa e a Vida*. Rio de Janeiro, José Olympio.

ANDRADE, Carlos Drummond de. (1984), “O Poeta que diz Adeus à Crônica.” Belo Horizonte, *Estado de Minas*, 29 de setembro.

ANDRADE, Carlos Drummond de. (1986), *Tempo Vida Poesia*, Rio de Janeiro, Record.

ANDRADE, Carlos Drummond de. (1988), *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. (1996), *Representações Ambivalentes da Cidade Moderna: A Belo Horizonte dos Modernistas*. Rio de Janeiro: IUPERJ. (Tese, Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia).

ANJOS, Cyro dos. (1979a), *O Amanuense Belmiro*. Rio de Janeiro, José Olympio.

ANJOS, Cyro dos. (1979b), *A Menina do Sobrado*, Rio de Janeiro, José Olympio/INL.

BARRETO, Abílio. *Memória Histórica e Descritiva*. Belo Horizonte, Livraria Rex, 1936.

BRESCIANI, Maria Stella. (1984), *Londres e Paris no Século XIX: O Espetáculo da Pobreza*. 2a. ed., São Paulo, Brasiliense.

BRESCIANI, Maria Stella. (1984-1985), “Metrópoles: As Faces do Monstro Urbano (As Cidades no Século XIX)”. *Revista Brasileira de História*, v. 5, n. 8, pp. 35-68.

BRESCIANI, Maria Stella. (1993), ‘Um Poeta no Mercado’. *Margem*, n. 2, novembro.

BRESCIANI, Maria Stella. (1994), “A Cidade das Multidões, a Cidade Aterrorizada”, in: R. M. Pechman (org.), *Olhares sobre a Cidade*. Rio de Janeiro, Ed. UFRI, pp.9-42.

CAMPOS, Paulo Mendes (1967), “Subir & Descer a Rua da Bahia”. In: ANDRADE, Carlos Drummond

- (coord.), Brasil Terra e Alma. Rio de Janeiro, Editora do Autor.
- CANDIDO, Antônio. (1984), "Drummond Prosador: Singularidade do Traço", *Revista do Brasil*. Ano 1, n. 2, pp. 4-11.
- CARVALHO, José Murilo de. (1987), *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. (1994), *Quatro Vezes Cidade*. Rio de Janeiro, Sefle Letras.
- BRASIL, Recenseamento Geral do Brasil de 1920.
- FANGER, Donald. (1967), *Dostoevsky and Romantic Realism: a study of Dostoevsky in relation to Balzac, Dickens, and Gogol*. 2a. ed., Cambridge, Harvard University Press.
- FAUSTO, Boris. (1984), *Crime e Cotidiano: A Criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo, Brasiliense.
- GUIMARAES, Berenice Martins. (1996), "A concepção e o projeto de Belo Horizonte: a utopia de Aarão Reis". In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz e PECHMAN, Robert (orgs.). *Cidade Povo e Nação: gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- HUYSSSEN, Andreas. (1991), "Mapeando o Pós-Moderno". IN: H. B. de Hollanda (org.), *Pós-modernismo e Política*. Rio de Janeiro, Rocco.
- MORSE, Richard. (1975), "The City-idea in Argentina: A Study in Evanescence". *Revista de História*, São Paulo, vol. LII, n. 104.
- NAVA, Pedro da Silva. (1976), *Chão de Ferro - Memórias III*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- NAVA, Pedro da Silva. (1981), *Galo das Trevas - Memórias V*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- NAVA, Pedro da Silva. (1985), *Beira-Mar - Memórias IV*. Rio de Janeiro, José Olympio. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- NAVA, Pedro da Silva. (1986), *Balão Cativo - Memórias II*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- PIKE, Burton. (1981), *The Image of the City in Modern Literature*. Princeton, Princeton University Press.
- RENAULT, Abgar. (1983), "Recordações Modernistas de Belo Horizonte". *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, 22 de outubro.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti. (1987), "O Ecletismo em Minas Gerais: Belo Horizonte 1894-1930", in: A. Fabris (org.), *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo, Nobel/DUSP.
- SCHORSKE, Cari E. (1989), "A Cidade Segundo o Pensamento Europeu - de Voltaire a Spengler". *Espaço e Debates*, Ano IX, n. 27, pp. 47-57.
- SCHUTZ, Alfied. (s.d.), *Estudios sobre Teoria Social*. Buenos Aires, Amorrourt.
- SIMMEL, Georg. (1987), "A MetrÓpole e a Vida Mental", in: O. G. Velho (org.) *O FenÓmeno Urbano*. Rio de Janeiro, Guanabara, pp. 11-25.
- WILLIAMS, Raymond. (1989), *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*. São Paulo, Companhia das Letras.